

* 3 DEZ 1991

JORNAL DO BRASIL

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora Executiva*LUIZ ORLANDO CARNEIRO — *Diretor (Brasília)*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*ROSENTE CALMON ALVES — *Editor Executivo*ETEVALDO DIAS — *Editor Executivo (Brasília)*

Exame de Consciência

A pesquisa publicada no *JORNAL DO BRASIL* sobre o pensamento da classe média brasileira, na qual a família e a Igreja ganharam os primeiros lugares em confiabilidade, e o governo e os partidos políticos, os últimos, reafirma o mal-estar que vem tomando conta do país. Castigada por todos os lados, pela crise econômica e pela crise de valores, a classe média se volta para dentro de si mesma e protesta contra o rolo compressor que passa implacável por cima de suas aspirações.

Segundo a pesquisa da Standard, Ogilvy & Mather, polícia, banqueiros, empresários, sindicatos e exército também perderam vários pontos de sua credibilidade. As principais instituições brasileiras estão em crise, e nada melhor do que a classe média, eterno colchão entre os ricos e os pobres, para denunciá-la.

Prestando atenção às instituições que no último ano mais perderam pontos percentuais, constata-se que, do ponto de vista da classe média, a sociedade está em plena crise de autoridade. Ninguém mais acredita nos valores rotulados como os mais importantes e esta desilusão é um pederossômetro da situação nacional. A sociedade se degrada a olhos vistos, numa fase nacional em que os símbolos da autoridade se apagam. O Estado perde sua vitalidade e o único sinal de organização é a *malavita*, muito bem representada pelo jogo do bicho, que, este sim, é organizadíssimo, cínico, forte, verdadeiro antiestado que se sobrepõe ao Estado fraco.

O psicanalista Jurandir Freire Costa já destacou a importância do ego-delinquente, fruto da sociedade em degradação, que se manifesta de duas maneiras: ou impotente, travestido no modelo da subserviência burocrática, ou onipotente, arrogante, que tem a desobediência como lei. Não encontrando barreira em qualquer das institui-

ções sociais, o delinquente arrogante se considera acima da lei e desafia os que não querem se transformar em apêndice de sua onipotência.

O funcionário público — em sua maioria — é o protótipo do narcisista, que encarna a cultura do levar vantagem em tudo; órgãos públicos são cabides de emprego, onde se entra principalmente pelo nepotismo e pelo clientelismo.

A classe política, na qual a classe média simplesmente não confia, menos ainda do que no governo e nos banqueiros, precisa se conscientizar de seu papel negativo. Promessas não cumpridas, de redenção nacional e de moralização do serviço público, feitas a partir do fim do período autoritário, contribuíram para aguçar o sentimento de frustração. Não é à toa que os políticos ganharam imagem de ladrões e de parasitas.

Mas achar o Estado culpado de tudo é cair no extremo oposto. Os cidadãos, a sociedade, devem assumir sua responsabilidade sobre tudo o que está aí. A sociedade que delega ao Estado a competência exclusiva de resolver seus problemas acaba pagando caro por sua demissão. O cidadão, por sua vez, deseja fazer saber que existe na prática e não apenas na Constituição. A crise econômica multiplica por mil a velocidade da crise política, mas a superação dos graves problemas da atualidade é tarefa para todos — um conjunto que não pode excluir a classe média.

Os políticos, no entanto, por terem ficado em último lugar na lista de instituições em quem a classe média confia, precisam fazer um sério exame de consciência. Eles contribuem mais do que os outros para a desesperança ambiental. Os partidos se converteram numa ordem irreal de aparências, porque vivem — e eles sabem disto — de uma representatividade inexistente.